

AUTOESTIMA ESCULPIDA: O IMPACTO DA ESTÉTICA FACIAL NA AUTOCONFIANÇA E QUALIDADE DE VIDA

SCULPTED SELF-ESTEEM: THE INFLUENCE OF FACIAL AESTHETICS ON SELF- CONFIDENCE AND QUALITY OF LIFE

Ivanice Francisca Pereira de Souza Soares

Nassali Villela Paranhos Frenhan

Roberta Coelho da Silva

Graduandas do Curso de Odontologia do Centro Universitário São José.

Orientador Diego Tezolin

Prof. Mestre em Ortodontia e Doutorando em Biologia Oral.

RESUMO

O presente trabalho analisa a relação entre os procedimentos estéticos faciais e seus impactos na autoestima, na autoconfiança e na qualidade de vida, considerando a crescente valorização da aparência como elemento de identidade e interação social. Por meio de uma revisão integrativa da literatura, foram selecionados estudos que abordam técnicas como harmonização orofacial, toxina botulínica e preenchedores dérmicos, bem como seus efeitos emocionais e psicossociais. Os resultados evidenciam que intervenções estéticas conduzidas de forma planejada e alinhadas ao perfil individual do paciente podem promover melhora expressiva na autopercepção, no bem-estar emocional e nas relações interpessoais. Entretanto, os achados também apontam a necessidade de atuação ética, expectativas realistas e avaliação adequada, visto que procedimentos inadequadamente indicados ou executados podem gerar frustração e comprometimento psicológico. Conclui-se que a estética facial desempenha papel relevante na construção da autoimagem e pode contribuir positivamente para a qualidade de vida quando orientada por princípios científicos, técnicos e humanizados, reforçando a responsabilidade do cirurgião-dentista como agente de promoção de saúde integral.

Palavras-chave: Estética facial; autoestima; harmonização orofacial.

ABSTRACT

This study examines the relationship between facial aesthetic procedures and their impact on self-esteem, self-confidence, and quality of life, considering the growing relevance of physical appearance as a component of personal identity and social interaction. Through an integrative literature review, studies addressing techniques such as orofacial harmonization, botulinum toxin, and dermal fillers were analyzed, along with their emotional and psychosocial outcomes. The findings indicate that aesthetic interventions performed with proper planning and tailored to individual needs can significantly improve self-perception, emotional well-being, and interpersonal confidence. However, the results also emphasize the importance of ethical conduct, realistic expectations, and appropriate assessment, since improperly indicated or poorly executed procedures may lead to dissatisfaction and psychological distress. It is concluded that facial aesthetics play a meaningful role in shaping self-image and can positively contribute to quality of life when guided by scientific, technical, and humanized principles, reinforcing the responsibility of dental professionals as promoters of comprehensive health.

Keywords: Facial aesthetics; self-esteem; orofacial harmonization.

INTRODUÇÃO

A forma como o indivíduo percebe a si mesmo tem um impacto significativo em sua autoconfiança e na maneira como interage com o meio social. Nos últimos anos, os procedimentos estéticos faciais tornaram-se cada vez mais populares, não apenas por questões de beleza, mas também pelos efeitos que podem ter na autoestima e no bem-estar. Muitas pessoas recorrem a essas intervenções com o objetivo de alcançar maior satisfação pessoal, seja para atenuar sinais do envelhecimento, harmonizar traços faciais ou reforçar aspectos de sua identidade frente à sociedade.

A estética facial, em particular, desempenha um papel crucial na construção da autoconfiança, influenciando desde interações sociais até o desempenho profissional. Seu objetivo vai além da simples transformação estética, buscando realçar a melhor versão de cada indivíduo. A autoestima, por sua vez, é interpretada por meio de sentimentos – sejam eles positivos ou negativos – que cada pessoa nutre em relação a si mesma. Quando esse sentimento é positivo, diz-se que a pessoa possui uma autoestima elevada, valorizando-se, agindo com confiança e segurança em seus atos e juízos de valor. Essa percepção positiva de si é essencial para desfrutar uma vida plena em diversas áreas, como a profissional, pessoal, sentimental e familiar, exercendo um papel fundamental na maneira como a estética facial influencia nos aspectos psicológicos de uma pessoa (SANTOS *et al.*, 2019; RODRIGUES *et al.*, 2016)

Nesse contexto, a Odontologia moderna tem ampliado seu escopo de atuação, incorporando técnicas de harmonização orofacial que aliam conhecimento anatômico, funcional e estético da face. Tais procedimentos, realizados por cirurgiões-dentistas habilitados, permitem intervenções seguras e planejadas que não apenas valorizam a estética facial, mas também respeitam os limites fisiológicos e estruturais do sistema estomatognático. Assim, a atuação odontológica ganha destaque por contribuir de forma significativa para o bem-estar emocional e a reconstrução da autoimagem, evidenciando a interface entre saúde bucal, estética facial e qualidade de vida.

Dessa maneira, ter uma autoestima elevada reflete em maior satisfação pessoal, o que pode resultar em maior confiança e bem-estar emocional. Por outro lado, indivíduos com baixa autoestima podem sentir-se inseguros e críticos em relação à própria imagem, o que pode levá-los a buscar procedimentos estéticos na tentativa de melhorar a autoimagem. No entanto, essa busca incessante pode não resolver a questão subjacente da autoestima e impactos significativos podem ser gerados na construção da autoimagem, especialmente quando se trata de características consideradas “imperfeições”, inadequadas ou indesejadas segundo os padrões pré-estabelecidos de beleza. Indivíduos que se sentem incomodados com traços específicos – como um nariz proeminente ou um sorriso desalinhado, por exemplo – podem optar por recorrer a procedimentos estéticos na tentativa de alcançar segurança e, assim, ganhar mais segurança. Contudo, é essencial compreender que a autoestima não é determinada apenas pela aparência física. Fatores como personalidade, experiências de vida e relações sociais também exercem influência na construção da autopercepção.

Em síntese, a relação entre autoestima e estética facial é complexa e merece atenção, pois compreender essa conexão é essencial para promover uma autoimagem saudável e um bem-estar emocional duradouro. Diante desse cenário, surge um questionamento relevante: até que ponto a estética facial pode influenciar a autoconfiança e a qualidade de vida? Será que a mudança na aparência realmente se traduz em maior segurança e felicidade no cotidiano? Este trabalho busca compreender essa relação, explorando como a harmonização facial e outros procedimentos estéticos impactam não apenas a aparência, mas também os aspectos emocionais e sociais da vida das pessoas, com especial atenção à prática odontológica e sua contribuição para uma estética facial equilibrada, funcional e eticamente conduzida.

Dessa forma, o objetivo geral deste estudo está em analisar, de forma crítica, os procedimentos estéticos faciais no que tange o modo como estes podem construir os ideais de confiança e de percepção de qualidade de vida dos indivíduos, considerando aspectos emocionais, sociais e psicológicos referentes ao processo.

Os objetivos específicos, nessa linha, delimitam-se em investigar a relação entre a autoestima e a imagem corporal antes e após a realização de procedimentos estéticos faciais; compreender os efeitos psicológicos e sociais de técnicas como harmonização

orofacial na rotina e nas relações interpessoais dos indivíduos atendidos; avaliar como os cirurgiões-dentistas percebem o impacto de seus procedimentos estéticos na saúde emocional e na satisfação pessoal dos pacientes e discutir os aspectos éticos e técnicos envolvidos, bem como identificar por meio da literatura científica e/ou estudos de campo, os benefícios relatados por pacientes que se submetam a procedimentos orofaciais.

Como pontuado, a crescente busca por procedimentos estéticos faciais revela uma mudança significativa na maneira como os indivíduos lidam com a própria imagem e autoestima. A estética, quando associada ao bem-estar emocional, ganha um papel importante na promoção da saúde integral, extrapolando o aspecto físico e alcançando dimensões psicológicas e sociais. Diante disso, compreender como essas intervenções influenciam na autoconfiança e na qualidade de vida é essencial, principalmente no contexto da Odontologia, que tem ampliado seu campo de atuação para além da saúde bucal.

Logo, este estudo se justifica pela necessidade de aprofundar o entendimento sobre a relação entre aparência e percepção de valor pessoal, observando como a harmonização facial e outras técnicas podem contribuir — ou não — para o fortalecimento da autoestima. Além disso, a temática se mostra relevante para a prática clínica, pois oferece subsídios para uma atuação mais consciente, ética e humanizada por parte dos profissionais da área. Assim, a proposta busca não apenas analisar os impactos desses procedimentos, mas também provocar uma reflexão sobre os limites e responsabilidades envolvidos na transformação da imagem pessoal.

METODOLOGIA

Este trabalho caracteriza-se como uma revisão de literatura integrativa, com enfoque descritivo e exploratório. A abordagem integrativa permite compreender os impactos dos procedimentos estéticos faciais na autoestima, na autoconfiança e na qualidade de vida dos indivíduos, sob diferentes ópticas.

A pesquisa foi conduzida por meio de revisão de literatura, cuja finalidade foi levantar e analisar estudos nacionais e internacionais publicados nos últimos dez anos, disponíveis em bases científicas reconhecidas, como Scielo, PubMed, LILACS e Google Acadêmico. Os descritores utilizados incluirão termos como “estética facial”, “autoestima”, “harmonização orofacial”, “qualidade de vida” e “autoconfiança”. Foram selecionados artigos originais e revisões sistemáticas que apresentaram abordagem metodológica rigorosa e relevância temática.

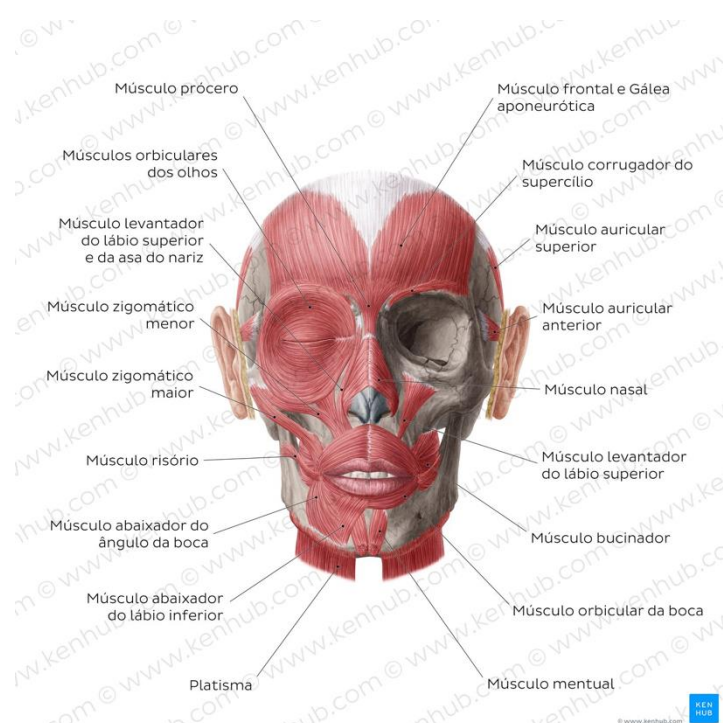
Como critérios de inclusão, considerou-se estudos publicados no português, inglês ou espanhol que abordassem a odontologia estética sob a perspectiva da estética facial na autoestima. Foram excluídas publicações que não apresentassem dados específicos sobre a autoestima ligada a procedimentos faciais, bem como estudos duplicados ou com metodologias pouco claras. Cabe ressaltar que os dados foram tratados de forma interpretativa, a partir da leitura crítica dos textos selecionados, com foco no assunto a ser abordado.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A anatomia facial é composta por estruturas ósseas, musculares e tecidos moles que sustentam a estética e a funcionalidade da face. Ossos como a maxila, mandíbula, zigomático e frontal formam a base da morfologia facial. Associados a eles, estão os músculos da mímica facial – como orbicular dos olhos, zigomático maior e bucinador – (Figura 1) que possibilitam expressões faciais e estão diretamente relacionados à comunicação não verbal e à percepção estética (ROBBINS; COTRAN; KUMAR, 2019).

Além disso, a inervação sensório-motora, especialmente promovida pelo nervo facial (VII par craniano), é essencial para o movimento coordenado dos músculos da face, permitindo respostas emocionais e funcionais visíveis (GUYTON; HALL, 2021).

Figura 1 – Músculos da face humana.



Fonte: Kenhub (2023)

A fisiologia da face está intrinsecamente ligada à função muscular, vascular e neural, influenciando diretamente a aparência e a funcionalidade estética. Alterações nessas estruturas, decorrentes do envelhecimento ou de fatores ambientais, afetam o tônus

muscular, a firmeza da pele e o volume dos tecidos, tornando-se alvo de intervenções clínicas como a aplicação de toxina botulínica, preenchimento com ácido hialurônico e bioestimuladores de colágeno (GONZAGA *et al.*, 2022).

A Harmonização Orofacial foi reconhecida oficialmente como especialidade odontológica pela Resolução CFO nº 198/2019. Essa regulamentação estabelece que o cirurgião-dentista está apto a realizar procedimentos estéticos na face, desde que devidamente capacitado, com respaldo técnico e científico.

Tais procedimentos atuam de forma integrada com a fisiologia do paciente, promovendo resultados que respeitam as dinâmicas naturais do movimento e da expressão facial. Dessa forma, a estética facial é pautada em princípios de simetria e proporção, destacando a divisão em terços faciais (superior, médio e inferior) e a chamada “proporção áurea”, frequentemente utilizada como referência para intervenções estéticas. Esses parâmetros orientam a avaliação clínica e o planejamento dos procedimentos de harmonização orofacial, com o objetivo de restaurar ou acentuar características tidas como equilibradas e agradáveis à percepção visual (PEREIRA *et al.*, 2021).

Nesse contexto, a análise facial leva em conta não apenas medidas objetivas, mas também fatores subjetivos de percepção estética e identidade cultural. O impacto estético transcende a aparência física e alcança aspectos subjetivos como autoestima, confiança e saúde mental. Estudos recentes demonstram que indivíduos que se submetem a procedimentos estéticos faciais relatam melhora significativa na autopercepção, no convívio social e na qualidade de vida (LIMA; MARTINS; OLIVEIRA, 2020).

A estética facial tem sido amplamente estudada na literatura científica como um fator que interfere diretamente na percepção de si e na qualidade de vida. Estudos indicam que a harmonia entre as estruturas faciais exerce impacto sobre a autoestima, a autoconfiança e até mesmo sobre a saúde mental dos indivíduos (KERSHAW *et al.*, 2018). A odontologia contemporânea, inserida nesse contexto ampliado de cuidado, tem incorporado à sua prática técnicas de harmonização orofacial que, ao aliar estética e

funcionalidade, visam restaurar o equilíbrio da face, respeitando os limites biológicos e a individualidade de cada paciente (Silva *et al.*, 2020).

Segundo a Resolução CFO nº 198/2019, a Harmonização Orofacial é reconhecida como especialidade odontológica, sendo de responsabilidade do cirurgião-dentista a realização de procedimentos estéticos minimamente invasivos com base em critérios científicos, éticos e legais. Entre as técnicas mais utilizadas destacam-se a aplicação de toxina botulínica, os preenchimentos com ácido hialurônico e os bioestimuladores de colágeno, que promovem melhora do contorno facial, atenuação de rugas e revitalização dos tecidos moles (GONZAGA *et al.*, 2022). Essas intervenções devem considerar a anatomia facial em seus aspectos ósseos, musculares e neurológicos, visto que a individualização do planejamento é fundamental para resultados seguros e eficazes (Ferreira *et al.*, 2022).

No que se refere à relação entre estética facial e autoestima, estudos de revisão sistemática demonstram que pacientes que se submetem a intervenções faciais relatam aumento na percepção positiva da própria imagem, melhora do humor e maior segurança em interações sociais (SARWER *et al.*, 2021). No entanto, tais efeitos estão condicionados a fatores como clareza das expectativas, estabilidade emocional e ausência de transtornos psiquiátricos, como o Transtorno Dismórfico Corporal (TDC), que, de acordo com Phillips (2016), afeta entre 1% e 2% da população e pode levar à insatisfação contínua, mesmo após procedimentos corretos. Isso demonstra a necessidade de triagens psicológicas, quando indicado, e da atuação ética do cirurgião-dentista, que deve compreender os limites clínicos e emocionais da demanda estética.

Outro ponto fundamental diz respeito aos critérios de avaliação facial, que devem basear-se em parâmetros objetivos e científicos, como a análise em terços faciais e o uso da proporção áurea como guia estético, sem que isso represente a imposição de padrões universais de beleza (PEREIRA *et al.*, 2021). A percepção de harmonia é também influenciada por fatores culturais, históricos e subjetivos. Por essa razão, a abordagem estética deve ser personalizada, levando em consideração não apenas o

padrão técnico, mas também as expectativas realistas do paciente e o contexto sociocultural no qual está inserido (KÜHN *et al.*, 2019).

A atuação odontológica no campo da estética facial requer, portanto, uma prática baseada em evidências e sustentada por princípios bioéticos. O respeito à autonomia do paciente, aliado ao dever de não causar dano (*primum non nocere*), impõe ao profissional a responsabilidade de informar com clareza os benefícios, riscos e limitações dos procedimentos, evitando intervenções motivadas apenas por pressões externas ou padrões estéticos inatingíveis. Para além da técnica, o cirurgião-dentista deve atuar como agente promotor de saúde, o que inclui o cuidado com a imagem corporal, o bem-estar psicológico e a função orofacial preservada (Souza *et al.*, 2023).

Esse reconhecimento reforça a necessidade de uma prática ética, humanizada e baseada em evidências, respeitando os limites fisiológicos e psicológicos de cada paciente e promovendo intervenções que integrem saúde, estética e bem-estar (CFO, 2019).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Diante do supracitado, os artigos evidenciados pela literatura foram triados e selecionados de acordo com os critérios descritos na etapa metodológica, para posterior análise e inclusão dos resultados em foco deste estudo, que serão utilizados na discussão ampliada do tema. A Tabela 1 apresenta os seguintes estudos:

Tabela de Artigos Selecionados – Estética Facial, Autoestima e Qualidade de Vida

AUTOR(ES)	ANO	TÍTULO	BASE DE DADOS
MILLS DC, KLASSEN AF, CANO SJ, SCOTT AM, PUSIC AL	2016	Mensuração de resultados relatados por pacientes em estética facial: desenvolvimento de questionário FACE-Q.	PubMed / Aesthetic Surgery Journal
DAYAN SH ET AL.	2013	O impacto da toxina botulínica tipo A na qualidade de vida e na autoestima: estudo prospectivo multicêntrico.	PubMed
DI SANTIS ET AL.	2025	Efeitos adversos do uso estético da toxina botulínica e dos preenchedores dérmicos: revisão sistemática	PubMed/Scielo
MARINELLI G ET AL.	2025	Avaliação do papel preventivo da toxina botulínica nas rugas faciais: revisão sobre resultados estéticos e funcionais.	MDPI
COPPINI M ET AL.	2024	Aumento estético dos lábios com preenchedores e seu impacto na qualidade de vida relacionada à saúde bucal.	Frontiers in Oral Health
HEMSWORTH B ET AL.	2024	Estética médica não cirúrgica e qualidade de vida dos pacientes: revisão sistemática.	PubMed
BAR E ET AL.	2025	Efeito do tratamento com preenchedores dérmicos de ácido hialurônico sobre alterações cutâneas e qualidade de vida em pacientes oncológicos	ResearchGate

Nesse sentido, a presente revisão de literatura permitiu identificar evidências científicas importante sobre a relação entre procedimentos estéticos faciais e melhora da autoestima, autoconfiança e qualidade de vida. Foram selecionados sete estudos recentes, provenientes de bases reconhecidas (PubMed, SciELO, MDPI, Frontiers e ResearchGate), com foco em intervenções não cirúrgicas — como toxina botulínica, preenchedores dérmicos e harmonização orofacial — e seus impactos psicossociais.

A. AUTOESTIMA E PERCEPÇÃO DA IMAGEM FACIAL

O estudo de Mills et al. (2016) foi um marco no desenvolvimento de instrumentos científicos relacionados à avaliação da satisfação e do bem-estar em pacientes submetidos a tratamentos faciais. Os autores criaram o método FACE-Q, um questionário padronizado que mede múltiplos domínios, como satisfação com aparência, autoconfiança e qualidade de vida. Sua contribuição foi fundamental para validar, de forma empírica, a percepção positiva dos indivíduos após procedimentos estéticos — o que atende diretamente ao objetivo deste trabalho de investigar a relação entre autoestima e imagem corporal antes e após intervenções faciais. Diferentemente de avaliações puramente técnicas, o FACE-Q captura aspectos subjetivos e emocionais da percepção do indivíduo, tornando-se essencial para mensurar satisfação, bem-estar psicológico e qualidade de vida após procedimentos como toxina botulínica, preenchimentos com ácido hialurônico, lifting, rinomodelação, bioestimuladores e harmonização orofacial.

A literatura atual também cita outras frentes para mensurar desfechos psicossociais em estética facial além do FACE-Q: o DAS-59 (Derriford Appearance Scale), para impacto psicossocial da aparência e medidas relacionadas à saúde bucal/estética orofacial quando pertinentes (a exemplo, OHIP-14). O FACE-Q tem

desenvolvimento e validação robustos, amplamente usados em estudos de cirurgia plástica e procedimentos minimamente invasivos; versões e escalas mais novas medem, inclusive, a percepção de “resultado natural” após procedimentos.

O FACE-Q, como instrumento central na mensuração da satisfação e da autoestima, serviu de base para estudos subsequentes que buscaram compreender a relação entre aparência facial e percepção pessoal. Pesquisas posteriores, como a de Dayan et al. (2013), reforçaram empiricamente o papel dos procedimentos estéticos na reconstrução simbólica da autoimagem. Ao aplicar a toxina botulínica tipo A em um grupo de mulheres adultas, os autores observaram não apenas a redução de rugas, mas também melhora significativa nos índices de autoconfiança e qualidade de vida. Essa melhora não se limitou ao campo estético, mas refletiu-se em aspectos emocionais e sociais, demonstrando que a percepção da beleza facial é indissociável do equilíbrio psicológico.

Enquanto Mills et al. (2016) concentraram-se no desenvolvimento metodológico e validaram a mensuração da satisfação, Dayan et al. (2013) avançaram no efeito psicológico imediato dessas intervenções, evidenciando que a transformação estética tem potencial de ressignificar a forma como o indivíduo se enxerga e se relaciona. Ambos os estudos se complementam: o primeiro fornece o instrumento científico de avaliação, e o segundo demonstra na prática clínica como a alteração da imagem facial impacta o comportamento emocional.

Atualmente, Hemsworth et al. (2024) ampliaram o debate ao conduzir uma revisão sistemática sobre os efeitos de procedimentos não cirúrgicos na qualidade de vida, abordando o conceito de medical aesthetics dentro de um modelo biopsicossocial. Os autores destacam que a satisfação com o resultado estético está fortemente associada à naturalidade percebida e ao grau de autenticidade mantido na expressão facial. Essa visão dialoga diretamente com o FACE-Q, cujas versões mais recentes incorporam a avaliação da “naturalidade do resultado” como um dos domínios fundamentais. Assim, enquanto Dayan et al. focam nos efeitos emocionais imediatos, Hemsworth et al.

reforçam a importância da sustentabilidade subjetiva da satisfação, que depende da identificação do paciente com sua própria imagem.

O estudo de Marinelli et al. (2025) complementa essa análise ao introduzir o papel preventivo e funcional da toxina botulínica nas rugas faciais. Embora a abordagem seja predominantemente estética, os autores evidenciam que a aplicação regular da toxina pode melhorar a expressividade e o conforto muscular, favorecendo uma aparência mais descansada e harmônica. Tal achado converge com os resultados de Dayan et al., pois ambos apontam para a melhora da autoimagem e da autoconfiança social, ainda que com focos diferentes — um na percepção psicológica imediata e outro na manutenção funcional e estética da face.

No campo da odontologia estética, Coppini et al. (2024) analisaram o impacto do preenchimento labial e observaram ganhos expressivos na qualidade de vida relacionada à saúde bucal, destacando a integração entre estética e função. O estudo reforça que o sorriso, elemento central na comunicação social, possui forte influência na autoestima e na identidade pessoal. Em paralelo, Bar et al. (2025) ampliam essa discussão ao estudar pacientes oncológicos submetidos a preenchimentos com ácido hialurônico. Além dos efeitos visuais, os autores identificaram melhoras emocionais significativas, traduzidas em maior segurança e conforto diante da autoimagem alterada pela doença. Ambos os estudos demonstram que a estética facial pode atuar como ferramenta de reabilitação emocional e social, não apenas de embelezamento.

Por outro lado, Di Santis et al. (2025) chamam atenção para o equilíbrio ético e técnico que deve orientar essas práticas. Em sua revisão sistemática sobre complicações decorrentes da aplicação de toxina botulínica e preenchedores, os autores alertam que resultados insatisfatórios ou iatrogênicos podem gerar efeitos psicológicos inversos, como frustração e insegurança, comprometendo a autoestima em vez de fortalecê-la. Essa observação complementa o conjunto dos estudos ao ressaltar que o impacto positivo sobre a imagem corporal só ocorre quando o tratamento é conduzido com planejamento individualizado, limites éticos claros e diálogo empático com o paciente.

Em síntese, a análise comparativa dos autores revela uma evolução no entendimento da estética facial como dimensão da saúde emocional. Enquanto Mills et al. (2016) forneceram o alicerce metodológico para quantificar a satisfação, Dayan et al. (2013) e Marinelli et al. (2025) exploraram a resposta emocional e funcional, e Hemsworth et al. (2024) trouxeram uma perspectiva integrativa e de longo prazo. Coppini et al. (2024) e Bar et al. (2025) destacaram a importância da estética orofacial e do resgate psicológico em contextos clínicos específicos, ao passo que Di Santis et al. (2025) lembram que a ética e a segurança devem sustentar qualquer intervenção.

B. EFEITOS PSICOLÓGICOS E SOCIAIS DAS INTERVENÇÕES FACIAIS

A compreensão dos efeitos psicossociais dos procedimentos estéticos faciais tem sido objeto de crescente atenção na literatura científica. Entre os estudos analisados, destaca-se o de Hemsworth et al. (2024), que realizou uma revisão sistemática sobre estética médica não cirúrgica e qualidade de vida dos pacientes. O trabalho demonstra que intervenções minimamente invasivas, como preenchimentos dérmicos e toxina botulínica, resultam em melhora significativa da autoconfiança e satisfação com a própria aparência, especialmente quando o resultado é percebido como natural.

O estudo amplia a abordagem de Mills et al. (2016) e Dayan et al. (2013), pois não se limita ao impacto imediato, mas discute a sustentabilidade emocional dos resultados estéticos, enfatizando a necessidade de planejamento realista e acompanhamento psicológico quando necessário. Essa perspectiva alinha-se à visão ética defendida no presente TCC: o profissional de odontologia estética deve considerar o paciente em sua totalidade — estética, emocional e social —, atuando de forma humanizada e empática.

Outro trabalho que contribui para essa reflexão é o de Bar et al. (2025), que analisou pacientes oncológicos submetidos a preenchimento dérmico com ácido hialurônico. O

estudo destacou não apenas os benefícios visuais, mas também o resgate da autoestima e da identidade pessoal em indivíduos que haviam perdido traços faciais por consequência de tratamentos quimioterápicos. Esse contexto clínico reforça o caráter terapêutico e inclusivo da estética facial, mostrando que a intervenção pode ser um instrumento de reabilitação emocional e social.

Os achados de Bar et al. dialogam diretamente com os de Hemsworth et al., pois ambos defendem que a estética facial não deve ser reduzida a uma busca por beleza, mas compreendida como parte do bem-estar global do paciente, capaz de restaurar dignidade, autopercepção positiva e segurança interpessoal.

C. ASPECTOS FUNCIONAIS E ESTÉTICOS INTEGRADOS

A harmonização orofacial é resultado da interação entre estética e função, e essa dualidade foi bem explorada por Marinelli et al. (2025) e Coppini et al. (2024). O primeiro destacou o papel preventivo e funcional da toxina botulínica, indicando que, além de suavizar linhas de expressão, o tratamento pode melhorar o tônus muscular e a simetria facial, contribuindo para uma expressão mais equilibrada e confortável. Essa perspectiva é relevante para a odontologia estética, pois reforça que o sucesso de uma intervenção não depende apenas da aparência final, mas da preservação da fisiologia e da naturalidade das expressões faciais.

De forma complementar, o estudo de Coppini et al. (2024) analisou o impacto do aumento labial na qualidade de vida relacionada à saúde bucal, destacando a relevância funcional da estética orofacial. O sorriso, elemento central da expressão humana, exerce forte influência sobre a comunicação, o convívio social e a autoconfiança. Os resultados mostraram que, após o preenchimento labial, as participantes relataram melhora na autopercepção e maior segurança em interações sociais.

Essas evidências corroboram os princípios da odontologia contemporânea, que enxerga a estética facial como uma dimensão ampliada da saúde, onde função, aparência e emoção devem estar integradas. Ao mesmo tempo, reforçam o objetivo do presente trabalho de compreender os efeitos psicológicos e sociais das técnicas de harmonização facial na rotina e nas relações interpessoais.

Os estudos de Marinelli e Coppini também dialogam com os achados de Mills et al. (2016) e Dayan et al. (2013), pois todos convergem para a ideia de que o bem-estar emocional é um reflexo direto da autoimagem positiva. Enquanto os primeiros enfatizam a funcionalidade e a naturalidade dos resultados, os últimos demonstram que esses fatores são determinantes para a manutenção da autoestima e da satisfação pessoal.

D. ÉTICA, SEGURANÇA CLÍNICA E AUTOPERCEPÇÃO

Embora a literatura aponte efeitos positivos da estética facial na autoconfiança, o estudo de Di Santis et al. (2025) destaca que tais benefícios só são alcançados de forma segura quando há conduta ética e domínio técnico por parte do profissional. A revisão sistemática conduzida pelos autores sobre efeitos adversos do uso estético da toxina botulínica e dos preenchedores dérmicos revelou que complicações podem ocorrer tanto por falhas técnicas quanto por indicações inadequadas ou intervenções excessivas, o que pode gerar insatisfação e danos emocionais.

A reflexão proposta por Di Santis é essencial para contextualizar os achados dos demais autores. Enquanto estudos como os de Hemsworth (2024) e Bar (2025) enfatizam os ganhos psicológicos, Di Santis chama atenção para o risco de reversão emocional negativa quando o procedimento é conduzido sem a devida avaliação do perfil psicológico e das expectativas do paciente.

Mesmo que a literatura aponte efeitos positivos da estética facial na autoconfiança, o estudo de Di Santis et al. (2025) destaca que tais benefícios só são alcançados de forma segura quando há conduta ética e domínio técnico por parte do profissional. A revisão sistemática conduzida pelos autores sobre efeitos adversos do uso estético da toxina botulínica e dos preenchedores dérmicos revelou que complicações podem ocorrer tanto por falhas técnicas quanto por indicações inadequadas ou intervenções excessivas, o que pode gerar insatisfação e danos emocionais.

A reflexão proposta por Di Santis é essencial para contextualizar os achados dos demais autores. Enquanto estudos como os de Hemsworth (2024) e Bar (2025) enfatizam os ganhos psicológicos, Di Santis chama atenção para o risco de reversão emocional negativa quando o procedimento é conduzido sem a devida avaliação do perfil psicológico e das expectativas do paciente.

Dessa forma, a análise dos sete estudos evidencia um consenso: os procedimentos estéticos faciais, quando executados com maestria e integralidade de técnica e sensibilidade, promovem melhorias significativas na autoestima, autoconfiança e qualidade de vida. No entanto, o impacto positivo depende de um amplo leque de variáveis, como naturalidade do resultado, expectativas realistas e avaliação psicológica adequada.

CONCLUSÃO

A análise realizada ao longo deste estudo permitiu compreender que os procedimentos estéticos faciais vêm ganhando destaque não apenas pela capacidade de modificar a aparência, mas também pelos impactos que exercem na autoconfiança, na percepção da imagem pessoal e na qualidade de vida dos indivíduos. A literatura selecionada evidenciou que intervenções como a harmonização orofacial, os preenchedores faciais e a aplicação de toxina botulínica podem produzir melhorias

significativas na autoestima, refletindo-se em maior segurança emocional, satisfação com a autoimagem e ampliação da interação social. Esses efeitos positivos, entretanto, dependem de fatores determinantes, como naturalidade dos resultados, expectativas realistas e atuação consciente e humanizada do profissional.

Os estudos analisados demonstraram que a estética facial, quando conduzida dentro de parâmetros éticos e fundamentada no conhecimento anatômico e funcional, ultrapassa o campo do embelezamento e passa a integrar dimensões psicológicas e sociais do bem-estar humano. A Odontologia, nesse contexto, assume papel relevante ao aliar ciência, técnica e responsabilidade, contribuindo para a reconstrução simbólica da imagem e para a valorização pessoal dos pacientes. Entretanto, a literatura também alerta que intervenções mal planejadas, excessivas ou indicadas inadequadamente podem gerar frustração, insatisfação e efeitos emocionais inversos, reforçando a importância de uma avaliação criteriosa e centrada no paciente.

Dessa forma, conclui-se que a relação entre estética facial e autoestima é complexa, multifatorial e profundamente influenciada pela forma como o indivíduo se percebe e se posiciona no meio social. O impacto positivo dos procedimentos depende da integração entre ética, habilidade técnica, segurança clínica e compreensão da subjetividade envolvida na construção da autoimagem. Assim, a harmonização facial e demais abordagens estéticas devem ser vistas como ferramentas de cuidado ampliado, capazes de promover bem-estar emocional, equilíbrio psicológico e qualidade de vida, desde que praticadas com responsabilidade, sensibilidade e alinhamento aos princípios humanizados da Odontologia contemporânea.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

CFO – CONSELHO FEDERAL DE ODONTOLOGIA. Resolução CFO nº 198, de 29 de janeiro de 2019. Reconhece a Harmonização Orofacial como especialidade odontológica. Brasília: CFO, 2019. Disponível em: <https://www.cfo.org.br>. Acesso em: 05 ago. 2025.

FERREIRA, A. L. *et al.* **Aspectos anatômicos e funcionais da harmonização orofacial: fundamentos para uma prática segura**. Revista Brasileira de Odontologia Estética, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 45–59, 2022.

GONZAGA, P. A. M. *et al.* **Toxina botulínica, ácido hialurônico e bioestimuladores: integração funcional na estética facial**. Journal of Clinical Dentistry and Research, São Paulo, v. 41, n. 3, p. 120–130, 2022.

GUYTON, Arthur C.; HALL, John E. **Tratado de fisiologia médica**. 14. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2021.

KENHUB. **Músculos da face humana**. Kenhub Atlas, 2023. Disponível em: <https://www.kenhub.com>. Acesso em: 28 jul. 2025.

KERSHAW, S. *et al.* **Facial aesthetic perception and psychological well-being: a systematic review**. Aesthetic Surgery Journal, Oxford, v. 38, n. 5, p. 473–481, 2018.

KÜHN, D. *et al.* **Cultural perceptions of facial beauty and the golden ratio: a multidisciplinary review**. International Journal of Aesthetic Science, Londres, v. 12, n. 4, p. 200–210, 2019.

LIMA, R. F.; MARTINS, D. S.; OLIVEIRA, P. R. **Estética facial e autoestima: uma análise dos impactos psicossociais de procedimentos orofaciais**. Revista Brasileira de Odontologia e Saúde Estética, Belo Horizonte, v. 28, n. 1, p. 88–97, 2020.

PEREIRA, M. A.; SOUZA, A. L.; FERREIRA, T. S. **Proporção áurea e análise facial na harmonização orofacial**. Dental Science and Practice Journal, São Paulo, v. 4, n. 2, p. 55–68, 2021.

PHILLIPS, Katharine A. **The broken mirror: understanding and treating body dysmorphic disorder**. 2. ed. New York: Oxford University Press, 2016.

ROBBINS, S. L.; COTRAN, R. S.; KUMAR, V. **Patologia: bases patológicas das doenças**. 10. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2019.

RODRIGUES, J. P.; SOUZA, L. M.; SILVA, M. F. **Autoestima e percepção corporal em pacientes submetidos a procedimentos estéticos faciais**. Revista Odontológica de São Paulo, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 12–21, 2016.

SANTOS, F. L.; ALMEIDA, P. A.; RODRIGUES, C. M. **Autoestima e estética facial: relação entre autopercepção e satisfação com a imagem corporal**. Revista de Psicologia e Saúde, Curitiba, v. 11, n. 1, p. 44–58, 2019.

SARWER, D. B. et al. **Psychological aspects of facial aesthetic procedures: a systematic review**. Aesthetic Plastic Surgery, New York, v. 45, n. 4, p. 1238–1249, 2021.

SILVA, R. A.; BARBOSA, D. M.; CORRÊA, C. R. **A harmonização orofacial como instrumento de integração estética e funcional**. Revista Brasileira de Odontologia Clínica Integrada, São Paulo, v. 24, n. 3, p. 201–210, 2020.

SOUZA, E. M.; NUNES, L. R.; BARROS, T. A. **A ética na prática estética odontológica: limites e responsabilidades do cirurgião-dentista.** Revista Brasileira de Bioética e Odontologia, Brasília, v. 6, n. 1, p. 33–42, 2023.